

A religião tem sentido hoje?

Bruno Ronaldo Müller

Resumo

O artigo resulta de leituras realizadas em obras de autores que também já se preocuparam com a mesma temática. Ou seja, qual o valor da religião na vida das pessoas nos dias atuais e como as instituições religiosas estão procurando responder as questões existenciais e espirituais da sociedade, em um contexto dessacralizado.

Palavras-chave: fenômeno religioso, modernismo, valores pessoais.

Abstract

This article results from readings of other authors who also worried about the same subject, that is, the value of religion in people's life in our days, and about how the religious institutions are answering the existential and spiritual questions in a secular context.

Key words: religious phenomenon, modernism, personal values.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a religião tem sido questionada quanto à sua importância e validade. Esta discussão acentuou-se quando o universo passou a ser regido pela razão, ciência e tecnologia. A religião então perdeu o seu caráter centralizador e até, deixou de fazer parte da vida das pessoas.

O artigo resultou de uma preocupação séria, já que é crescente o número de pessoas que concluem que a religião não responde às necessidades espirituais e existenciais de nossos dias. Parte destas pessoas encontramos entre os nossos alunos da disciplina de Cultura Religiosa, na ULBRA. No estudo do fenômeno religioso das diferentes e diversas instituições religiosas, surgem os questionamentos inevitáveis.

Repetidas vezes ouve-se pessoas anunciarem sua indiferença pelas coisas espirituais; sua insatisfação com o trabalho desenvolvido pelos grupos religiosos; o seu desconhecimento do trabalho mais amplo no campo espiritual e dos verdadeiros propósitos e tarefas requeridas da instituição religiosa.

Portanto, é urgente e importante que se coloque que a verdadeira religião, como portadora da mensagem divina, precisa e pode realizar a reconciliação do ser humano com Deus e a paz entre as pessoas; precisa e pode anunciar o amor, a libertação e a justiça de Deus para o ser humano de todos os tempos e, por certo, para as pessoas céticas atingidas pelo modernismo também.

O questionamento às instituições religiosas é algo saudável. Também é importante que as pessoas estejam buscando respostas às suas ansiedades e necessidades. Por isso as pessoas vão à igreja, ou procuram na religião respostas às suas angústias e necessidades: palavras de graça no juízo, vida dentro da morte, esperança no meio de tanta desesperança. Nesse contexto é que perguntamos: a religião tem sentido hoje?

EM BUSCA DE RESPOSTAS

Argumenta-se que hoje em dia a religião já não é tão significativa. Diz C. Macedo (1989), que poucos ainda se preocupam com uma prá-

Bruno Ronaldo Müller é especialista em Teologia Prática e professor no Departamento de Teologia da ULBRA.

Textura	Canoas	n. 1	2º semestre de 1999	p. 17-22
---------	--------	------	---------------------	----------

tica religiosa constante. Por outro lado, mesmo que não haja um grande fervor religioso, que não exista a preocupação com a filiação a uma instituição religiosa e que muitos prefiram declarar-se “ateus”, há sempre um lugar e um momento para a presença do “sobrenatural”.

O modo de viver das pessoas ligadas à religião, muitas vezes, rotulado de ridículo, sem sentido ou até meio hipócrita. No entanto, há uma busca de respostas a tantas e diferentes situações que mexem e importunam a pessoa. Mais cedo ou mais tarde cada pessoa é despertada pelo sentimento de que a vida é mais do que dela conhece. Sente e deseja que exista algo mais.

A religião está presente em todas as sociedades, e as pessoas, de alguma maneira, lidam com ela. A religião faz parte do sistema de vida de um povo, de suas crenças e condutas. Em qualquer sociedade a religião define um modo de ser no mundo em que transparece a busca de um sentido para a existência, afirma Kuchenbecker (1998).

A religião é parte fundamental do sistema de vida de um povo exatamente porque fornece uma explicação última para o fato de a vida ser como ela é, do modo como ela deveria ser; para situações em que só ela se atreve a responder, consolar, animar e falar de vida quando já não existe vida.

Vivemos num tempo de profundas modificações. Círculos cada vez mais amplos despertam e se compenetraram de que, em todos os campos da existência humana, chegou-se a um ponto crítico na história da nossa civilização. Representações, convicções, doutrinas e comportamentos que até há pouco eram vistos como incontestáveis, de repente parecem deslocados do nosso tempo e da nossa realidade.

Os questionamentos e revoluções no terreno religioso não são fenômenos isolados. Pelo contrário, são causados pelo que está acontecendo no campo científico, filosófico, social, espiritual, e que envolve o ser humano. Van de Pol (1969) afirma que o ser humano do nosso tempo é alguém, ao mesmo tempo, de fé e de descrença, de pergunta e resposta. Que o ser humano não pode ficar indiferente às transformações que podem concorrer para uma religião que responda às suas indagações.

No entanto, como dizia Bonhoeffer, com a autonomia completada em nosso século, o ser

humano aprendeu a lidar com as questões importantes da vida sem recorrer a Deus. O ser humano, antes voltado para o transcendente e o divino, fechou-se em si mesmo. A religião parece ter perdido todo espaço junto ao ser humano. Inclusive, conforme R. Alves (1981), criou-se um problema habitacional para Deus. Ele se tornou supérfluo e obsoleto. Deus acabou sendo empurrado para fora do mundo e da vida das pessoas, que Ele criou.

A INFLUÊNCIA DA MODERNIDADE SOBRE O SER HUMANO

A história registra a existência de duas épocas e dois espíritos totalmente diferentes. Que diferença entre o espírito do mundo moderno e o espírito do mundo medieval! Na Idade Média o universo inteiro era contemplado como se fosse uma imensa catedral.

Com o evento da modernidade há um esvaziamento dos símbolos religiosos determinantes do modo de ser e viver daquela época. A progressiva emergência das formas científicas de pensar, o ser humano estava se educando para uma nova realidade, por causa dos novos interesses, essencialmente materialistas, e sua libertação e auto-afirmação.

A partir dessa nova realidade, acreditava-se que não existisse mais lugar para o sobrenatural na vida das pessoas, influenciadas pelo progresso científico. Freud (1961) relaciona a religião a uma neurose infantil e a crença em Deus como uma infantilidade, que devem ser superadas. A religião foi identificada com o passado, com o atraso e a ignorância de um período negro da história, da Idade das Trevas, e explicada como um comportamento infantil, alienante, neurótico.

Opunha-se a este quadro nocivo um futuro luminoso, de progresso, riqueza, maturidade e conhecimento científico. A religião perdera seu poder de centralidade na vida das pessoas.

Como já dizia Nietzsche (1978), entre as pessoas desligadas da religião, que já superaram a ignorância e alienação, encontro gente de “livre pensamento”, bastante absorvidas pelos seus afazeres, prazeres, jornais, “deveres da família”; não lhes sobra tempo para a religião.



Estas pessoas estão distantes, indiferentes à religião. Não levam a sério o problema da religião. Têm um ligeiro desprezo àquelas que ainda se dizem ligadas a alguma igreja.

Sem dúvida a grande realidade, que dá consistência e sentido a todas as outras, o mistério de Deus manifestado na história do mundo, dando significado às coisas, aos acontecimentos e ao próprio ser humano, progressivamente foi empurrado para fora do mundo, da vida das pessoas. Como se o mundo fosse das pessoas e para que elas pudessem dominar, Deus tinha que ser confinado no céu.

Como afirma Peter Berger (1973), o impacto da modernidade sobre a religião e sobre o ser humano é normalmente visto como o processo de secularização. Nesse processo é muito enfatizado o espírito de autonomia, de independência e de liberdade. Estes aspectos estabelecem a diferença entre a pessoa tradicional, antiga, da moderna e contemporânea, da “religiosa” e “irreligiosa”.

Na pré-modernidade, segundo Grasel (1994), as pessoas viviam sob a sombra do destino, a tradição mediava sobre os aspectos da sua vida e suas atividades eram dirigidas por determinações definidas e delimitadas. Hoje, o que antes era destino, tornou-se uma escolha para o ser humano. O que antes era destino hoje se constitui em uma série de escolhas. O destino é transformado em decisão pessoal.

George Forell (1983) proclama a liberdade de escolha inerente a todo ser humano. Entretanto no passado havia uma quase acomodação a comportamentos pré-ordenados, enquanto hoje o ser humano está obrigado a refletir sobre a multiplicidade de escolhas. Como diz Forell, o ser humano não pode evitar as decisões. Ele não pode escapar de sua liberdade.

A pluralização que define e distingue a modernidade afeta o ser humano, alude Grasel. Se por um lado ele atingiu a liberdade e a autonomia para decidir e escolher o que mais lhe convém, por outro, está confrontado e desafiado pela multiplicidade de opções e a necessidade de proceder as escolhas.

O caráter ambivalente na experiência de fazer algo por destino ou por escolha gera uma mudança de comportamento e traz consigo o sentimento e a realização de liberdade, mas também o “ônus” da ansiedade e do medo. A modernidade

é atraente e arrebatadora com suas promessas de liberdade, de novas opções e realizações, que possibilitam a libertação da forma antiga, tradicional e ultrapassada da vida. No entanto, há um preço por esta libertação: a incerteza diante de valores e normas para a sua vida.

O ser humano no passado tinha uma estrutura religiosa definida. Hoje ele convive com a dúvida. Mesmo que a incerteza e a descrença estivessem presentes no passado, a constância da dúvida religiosa, uma característica dessa época moderna. A modernidade criou a possibilidade da relação e da escolha. O ser humano precisa se definir por sua preferência religiosa, assim como necessita decidir e escolher sobre tudo que afeta a sua vida. E neste aspecto constata-se que aumenta o número de pessoas que não sabem o que fazer com a sua fé, com a religião herdada da família.

Segundo M. Eliade (1992), a modernidade evidenciou a pessoa irreligiosa. Outras culturas do passado também conheceram pessoas a-religiosas, mas é na sociedade moderna que este comportamento irreligioso alcança o destaque e a influência sobre o ser humano. É nesta época que o ser humano a-religioso assume uma nova postura existencial ao se reconhecer como o único sujeito agente da história, ao mesmo tempo que rejeita todo apelo religioso e espiritual. Ele estabelece seu próprio limite. Ele é a medida de todas as coisas.

Feuerbach, citado por G. Siegmund (1971), declara que, para o ser humano moderno, a fé em Deus é um obstáculo mórbido à sua evolução. E chama de antiquada a valorização que se fizesse da fé em Deus. Ele e outros pensadores da mesma linha de raciocínio, contribuíram para erradicar a idéia da religiosidade da razão e da vida humana. Deixaram a sua marca no espírito moderno, que se afastou do objetivo fé-Deus, e se voltou para o próprio ser humano.

A INFLUÊNCIA DA SECULARIZAÇÃO

As definições da secularização, segundo Berger (1985), geralmente caminham em duas direções: para uns têm significado a libertação do ser humano moderno da proteção e dependência da religião, e para outros têm sido com-



batida como urna descristianização.

A influência e os efeitos da secularização, demonstram o declínio da religião, a dessacralização do mundo, o desembaraço ou independência da sociedade da religião e a transição de crenças e modelos de comportamento do terreno religioso ao secular.

A secularização moderna processada na mente humana ocasionou a evasão ou a morte do sobrenatural e trouxe mudanças ao comportamento do ser humano.

O declínio da religiosidade na sociedade moderna, perceptível através do número reduzido de pessoas que participam dos atos religiosos. O que demonstra a mudança no comportamento das pessoas, que já não acorrem mais aos templos pelo desejo de salvação do pecado e do inferno. O que ainda estaria levando as pessoas às igrejas, a instrução moral dos filhos e a orientação para a vida familiar.

Existe uma forte evidência de que as crenças religiosas tradicionais se tomaram vazias de sentido junto à grande maioria da população, e também de muita gente que ainda continua ligada a uma igreja. Qualquer que tenha sido a situação do passado, a auto-afirmação e a liberdade de expressão tomaram o lugar do conformismo e da submissão. Consequentemente, na sociedade moderna o sobrenatural, como realidade cheia de sentido, carregada de manifestações religiosas, está ausente ou distante da vida cotidiana de um número cada vez maior de pessoas, que parecem viver bastante bem sem Deus, lembra R. Alves (1984).

Os conteúdos religiosos tomaram-se suscetíveis à moda, pois a secularização moderna, a ciência, a filosofia e o materialismo desempenharam seus papéis produzindo incertezas e alimentando o ceticismo a respeito de Deus e da religião. A pessoa, na sua individualidade, passou a apreender e privatizar os conteúdos religiosos. O ser humano, na verdade, passou a descobrir a religião na sua própria consciência. A religião perdeu seu caráter abrangente e determinante dos comportamentos da sociedade.

A modernidade, a partir desse novo espírito, criou uma nova situação, na qual selecionar e escolher tornou-se imperativo para o ser humano liberto, desenvolvido e autoconsciente, onde a fé passou a ser uma questão de preferência.

A igreja é desafiada a manter-se nesse

contexto de crise de credibilidade religiosa, onde a tradição e a instituição passaram a ser vistas como relevantes à sociedade moderna, e a agir junto de uma sociedade pensante, crítica e ávida por respostas que não encontra nesta mesma sociedade.

A RELIGIÃO TEM SENTIDO HOJE?

A reflexão do fenômeno religioso pode ser um passo importante para a compreensão de uma pergunta tão decisiva na vida de qualquer pessoa.

Comparadas as definições existentes de religião, percebe-se dois modos diferentes de pensar a religião, afirma Lagenest (1976). Para aqueles que a entendem como ilusória, destituída de conteúdo, obviamente não vêem sentido na religião para os dias de hoje. Por outro lado, existe outro grupo que entende a religião como uma resposta viável e carregada de sentido para o ser humano.

O rápido ritmo das transformações sociais, neste século, levou muitos pesquisadores a supor que a religião seria um fenômeno em extinção. Por isso falam tanto em morte de Deus, a religião agoniza, os deuses estão de volta. Na medida em que o conhecimento humano avança, as pessoas são forçadas a remover o seu Deus para mais além. O seu Deus é, na realidade, um artifício usado para encher os vazios do conhecimento humano. Ora, o mundo adulto aprendeu a resolver os seus problemas e a enfrentar as suas derrotas sem apelar para Deus.

A religião deveria ceder lugar a formas mais críticas e racionais de compreensão. A ciência se tornaria sua substituta adequada. O advento da razão, marcado pelo avanço científico, substituiria a era de superstição, marcada pelo religioso. Em lugar de Deus, estariam finalmente os seres humanos, libertos de crenças infantis.

HÁ LUGAR PARA DEUS E PARA A RELIGIÃO NA VIDA DAS PESSOAS?

R. Alves afirma que a religião não desapareceu do cenário do mundo e da vida das pes-



soas. Que ela permaneceu e muitas vezes demonstra uma força que se julgava extinta. Com ele concordam outros, que entendem que a profecia da descrença em Deus e da religião não se consumou. Quando tudo parecia anunciar os funerais de Deus e o fim da religião, o mundo foi invadido por um fervor religioso que encheu os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado.

Segundo C. Macedo, existe a convicção de um crescimento de religiões e adeptos, com instituições e cultos os mais variados surgindo por toda parte. Este crescimento resulta especialmente, da população empobrecida e sofrida, que constitui, numericamente, a maioria da sociedade. São pessoas que enfatizam a importância da religião em suas vidas. Que chegam a afirmar: "quem não tem religião não tem nada". A partir desta compreensão, de que todos precisam possuir uma religião, para a maioria das pessoas qualquer religião, em princípio, é boa.

Estes adeptos são religiosos que estão migrando para as novas religiões que estão surgindo, ou são pessoas que não tinham, ou nunca tiveram uma religião? Não é difícil constatar que uma parcela significativa da população brasileira está trocando de religião.

O surgimento e crescimento de tantos grupos e movimentos religiosos, responsáveis pela migração de uma parcela tão significativa da população, cujo fenômeno certamente forçará as igrejas tradicionais a repensarem sua forma de atuação, possivelmente se origina da compreensão de que os bens de salvação, os símbolos religiosos e os discursos destas igrejas não respondam mais às novas perguntas pelo sentido da vida.

Referindo-se a expansão de novos grupos religiosos, Bobsin (1994) destaca dois comportamentos distintos. De um lado, uma postura que delimita o seu universo religioso como o único verdadeiro e inferioriza a religião do outro. Por outro lado, configura-se um comportamento tolerante e pragmático que possibilita a passagem de uma religião para a outra sem problemas, desconsiderando, desta forma, as diferenças existentes.

Já Forell, a partir da compreensão de que o ser humano, um ser religioso e que toda pessoa precisa ter uma religião, reforça a idéia quando afirma que o mundo que não tem religião pre-

ponderante, ser dominado por religiões sobresalentes, dando a entender que existe urna religião verdadeira, que revela o amor e a misericórdia de Deus para o mundo, e outras religiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientemente não nos preocupamos com avaliações teológicas no desenvolvimento desse artigo.

Não existe qualquer intenção preconceituosa ao deixarmos momentaneamente de lado a ciência para enveredarmos pelo caminho da fé. Admitindo a diferença, entendendo que esta seja uma atitude de respeito às outras religiões, pode-se concluir que:

- As hipóteses ocultas e que transpareceram ao longo da exposição, reforçam o ponto de vista de que existem duas formas distintas de considerar e posicionar-se sobre o assunto.
- Há uma corrente de pensadores que pretendem demonstrar que a religião não tem qualquer sentido e não tem lugar algum para o ser humano inteligente, liberto e emancipado; para alguém que habita numa sociedade moderna e secularizada, que venceu o estado de ignorância religiosa, que desenvolveu-se e desvencilhou-se do estágio ultrapassado e doentio que o tornava dependente de Deus e da religião, com suas manifestações e práticas obscurantistas.
- No entanto, existe um outro modo de pensar. De pessoas religiosas, que se reconhecem amadas, reconciliadas com Deus, libertas, em paz consigo, com Deus e seus semelhantes - pela intermediação da religião; que desenvolveram e amadureceram a sua fé e por isso se sentem vocacionadas para viver e testemunhar a sua fé; que sentiram a experiência religiosa em suas vidas; que sentem a presença de Deus em suas vidas e sentem-se na presença dele. Estas pessoas estão convictas da importância de Deus na vida de cada pessoa e da sociedade. Para estas pessoas a religião tem sentido sim.
- Em conseqüência desse modo distinto e



ambivalente de reagir em relação à religião, influenciada e motivada pelo ambiente que a cerca, a sociedade depara-se com duas categorias de pessoas: as religiosas e as irreligiosas. Cada uma destas pessoas tem a sua própria personalidade formada num ambiente sacralizado ou dessacralizado; que age e reage de acordo com as suas concepções de Deus, de fé, de mundo, de vida e além-vida.

- Diante da realidade da influência da modernidade e da secularização, a igreja-religião depara-se com desafios bastante sérios. Ela precisa avaliar a sua postura e situação neste contexto atual, a sua mensagem para um ser humano ansioso e necessitado de soluções para os seus múltiplos problemas sociais, psicológicos e espirituais, para alguém que está ávido de respostas concretas e atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo : Brasiliense, 1981.
- _____. **O enigma da religião**. São Paulo : Papirus, 1984.
- BERGER, Peter. **Um rumor de anjos**. Petrópolis : Vozes, 1973.
- _____. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo : Paulinas, 1985.
- BOBSIN, Oneide. **Transformações no universo religioso**. Belo Horizonte : CEBI, 1994. Série A Palavra da Vida, n.82.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- FORELL, George W. **Ética da decisão**. São Leopoldo : Sinodal, 1983.
- FREUD, Sigmund. **The Future of an Illusion**. New York : Anchor Books, 1961. Tradução de W. D. Robson-Scott.
- GRASEL, Gerhard. Desafios para a Igreja Brasileira num contexto secularizado. In: **Igreja Luterana**, São Leopoldo, Seminário Concórdia, v.53, n.1, p.3-33, 1º sem. 1994.
- KUCHENBECKER, Valter (Coord.). **O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos**. 5.ed. Canoas : ULBRA, 1998.
- LAGENEST, J. P. Baruel. **Elementos de sociologia da religião**. Petrópolis : Vozes, 1976.
- MACEDO, Carmem C. **Imagem do eterno: religiões no Brasil**. São Paulo : Moderna, 1989.
- NIETZSCHE, Friederich W. **Para além do bem e do mal**. Lisboa : Guimarães, 1978. Tradução de Hermann Pflüger.
- SIEGMUND, Georg. **Fé em Deus e saúde psíquica**. São Paulo : Loyola, 1971.
- VAN DE POL, W. H. **O fim do cristianismo convencional**. São Paulo : Herder, 1969.

